

# e.Ciência

A Revista da Ciência, Tecnologia e Inovação em Portugal

## NAVEGANDO NA FILOSOFIA

### OBRAS E PERCURSOS

### OS GRANDES NOMES DA FILOSOFIA



E AINDA...

- Parque Arqueológico do Vale do Côa
- Megalitismo Alentejano
  
- 5º Encontro Nacional de Professores de Filosofia





Luís Luís,  
Arqueólogo

O séc. XX assistiu a importantes desenvolvimentos na Pré-história portuguesa, que foi acompanhando, com maior ou menor atraso, os desenvolvimentos da ciência.

## Vale do Côa: A maior descoberta da Pré-história portuguesa do século XX

Supostamente em épocas de crise as sociedades tendem a avaliar-se. Nessas alturas surgem as listas. Assim se poderá compreender as recentes listagens do melhor português às sete maravilhas de Portugal, o que quer que isso queira dizer. Num número dedicado à Pré-história portuguesa propomo-nos escolher o maior achado pré-histórico português do século XX, já denunciado no título.

Filha do positivismo e do evolucionismo, a Pré-história é uma ciência recente. Portugal, apesar de ser um país muitas vezes desatento e a reboque, foi marcado desde cedo pelo desenvolvimento desta ciência, inicialmente dependente dos estudos geológicos. A prová-lo está a realização em Lisboa, a Setembro de 1880, da IX Sessão do Congresso de Arqueologia e Antropologia Pré-históricas, onde se reuniram os grandes especialistas da Pré-história de então (Lubbock, Montelius, Cartailhac, etc.). Nela se discutiram os grandes temas da época, nomeadamente a suposta indústria terciária do suposto *Homo simius ribeiroi*, os relevantes achados dos concheiros de Muge, ou o escandaloso canibalismo dos habitantes da Gruta da Furninha (1).



Num plano internacional, salienta-se um debate que iria prosseguir, com a frustrada tentativa de Juan de Villanova validar as descobertas de Marcelino Sanz de Sautuola e da sua filha Maria, realizadas no ano anterior. Os bisontes bícromos de Altamira teriam de esperar pelas descobertas francesas para serem reconhecidos como arte paleolítica e não uma fraude forjada por clericalistas espanhóis e outros detractores do evolucionismo.

Esta grande organização, relatada com o humor gráfico de Rafael Bordalo Pinheiro, terá sido o ponto alto da Pré-história portuguesa do século XIX, pela abrangência dos temas discutidos e pela sua projecção internacional.

O séc. XX assistiu a importantes desenvolvimentos na Pré-história portuguesa, que foi acompanhando, com

maior ou menor atraso, os desenvolvimentos da ciência. De entre os factores exógenos que contribuíram para o seu desenvolvimento, saliente-se a presença das escolas francesa e alemã, bem como uma permeabilidade mais tardia às teorizações anglo-saxónicas, que serviram de alicerce a relevantes estudos, nomeadamente megalíticos e, posteriormente, paleolíticos.

É desnecessário enumerar os muitos avanços e achados de relevo ao longo do século, mas foi necessário esperar pelo seu final para que se verificasse o que consideramos ser o mais importante achado da Pré-história portuguesa: a arte paleolítica do Vale do Côa. A sua relevância mede-se não apenas pelo seu valor intrínseco, mas também pelas suas repercussões.

Identificada em circunstâncias dramáticas, a preservação da arte do Côa foi em primeiro lugar um exemplo internacional de empenho dos cidadãos portugueses, desde a comunidade científica aos jovens das escolas de Foz Côa, na preservação de um património único e na defesa de um modelo alternativo de desenvolvimento. O mediatismo do achado e o envolvimento cívico na sua preservação justificariam por si só a nossa escolha, pela sua identificação com duas das características mais marcantes do século que passou.

No entanto, a arte do Côa apresenta um conjunto de características próprias que estiveram na base da sua classificação como Património da Humanidade. Ao longo de 17 quilómetros das margens do rio Côa, e junto à sua confluência com o Douro, sucede-se uma quase trintena de núcleos distintos, agrupando milhares de figurações rupestres. A representação destas figuras iniciou-se durante o Paleolítico superior, documentando assim a mais antiga fase da expressão artística humana, mas as margens do Côa continuaram a inspirar e a acompanhar as suas populações até aos anos 50 do século passado. Para além da dimensão e antiguidade do achado, saliente-se a qualidade estética de grande parte das representações, apesar dos epítetos que representantes de uma cultura escolástica lhe atribuíram no calor do debate.

A descoberta da arte paleolítica do Vale do Côa operou aquilo a que já foi com felicidade apelidado de uma “revolução copernicana” (2) e integrou a revolução dos três C na arte paleolítica, juntamente com a descoberta das grutas de Chauvet e Cosquer (3).

Não se tratando, de facto, do primeiro achado de arte paleolítica ao ar livre, a sua qualidade e dimensão permitiu a reavaliação dos subvalorizados vestígios já identificados nos Pirinéus franceses, em Espanha e na transmontana aldeia de Mazouco. Com a sua evidência, ela derrubou um obstáculo epistemológico que radicava na impossibilidade da existência de arte paleolítica ao ar livre, por razões naturais, relacionadas com a preservação, mas sobretudo devido ao discurso científico de que da arte paleolítica era uma arte das cavernas, secreta e restrita a iniciados. Uma vez derrubado este obstáculo, e com cepticismos semelhantes aos de Altamira, as descobertas de arte paleolítica ao ar livre sucederam-se em Portugal (Alto Côa, Ocreza, Alto e Baixo Sabor, Zêzere), inclusivamente em sítios já conhecidos pela ciência, mas onde o nosso olhar nos tinha impedido de a identificar, como seja a Fraga Escrevida.

Mas se a descoberta e preservação do Vale do Côa trouxe uma mais-valia científica e patrimonial, esta descoberta desencadeou uma alteração radical na arqueologia institucional. Falou-se por isso de um “antes do Côa” (a.C.) e um “depois do Côa” (d.C.) na arqueologia portuguesa. O fracasso na gestão da descoberta do “caso Côa” levou a alterações orgânicas e de procedimentos. Como consequências directas, cite-se a institucionalização da arqueologia como parceiro de pleno direito nos estudos de impacte das grandes obras, cujo exemplo mais significativo foi a construção da barragem do Alqueva. Esta mudança de procedimentos provocou a criação de um sector privado de inventário e escavação arqueológica.

Vivemos hoje uma conjuntura completamente distinta e algo desmemoriada, mas, apesar de eventuais recuos orgânicos, as alterações produzidas pela descoberta e preservação da arte do Vale do Côa deixaram marcas indeléveis. Gostaríamos de pensar que os erros cometidos aquando da descoberta desta arte rupestre seriam hoje impossíveis de repetir.

Mas, para além do interesse científico ou patrimonial, ou das implicações que teve na organização do fazer arqueologia, a arte do Côa teve, e tem uma relevância cultural fundamental. Ela regista o gesto que nos libertou da animalidade enquanto espécie. “Falamos as gravuras do Côa de um tempo ancestral em que o homem era já Homem. Em que o homem acedia propriamente à sua dimensão humana para (...) afrontar pelo mundo do jogo as pesadas regras que lhe eram impostas (...)” (4).

Isso mesmo foi reconhecido por Mário Cesariny, Graça Morais, Julião Sarmento, Ângelo de Sousa, João Pedro Croft, Rui Chafes, Pedro Calapez, entre outros artistas que se empenharam activamente na preservação desta primeira arte.

A comparação entre a arte paleolítica e a arte contemporânea não é novidade. Depois de a visitar, Picasso terá dito que depois de Altamira tudo era decadência, e é aliás reconhecida a influência das artes primitivas na sua obra.

Mas para além da influência consciente da arte paleolítica na arte contemporânea, é notável verificarmos a adopção das mesmas soluções estilísticas por artistas tão distantes. Perante um mesmo desafio, artistas paleolíticos e contemporâneos chegaram à mesma solução. Referimo-nos aqui à representação do movimento através da sua decomposição. A solução encontrada pelos artistas paleolíticos, e abundantemente utilizada nas margens do rio Côa, foi reencontrada pela arte contemporânea, sobretudo no seio da corrente futurista. Contudo, para chegarem à mesma solução, estes beneficiaram dos avanços da fotografia e das experiências de Eadward Muybridge e Étienne-Jules Marey.

De entre os muitos exemplos possíveis recordemos três quadros de 1912: ~~“Dinamismo di un cane al guinzaglio (Giacomo Balla)”~~ “Dinamismo de um cão com trela” de Giacomo Balla, “Nu descendo a escada n.º 2” (1912) de Marcel Duchamp e o recém redescoberto “Avant la Corrida” de Amadeo de Souza-Cardoso. Esta solução gráfica acabou por se massificar, e hoje encontramos-a na banda desenhada e como princípio base de todo o cinema de animação.

Mas se aqui demonstrámos a extraordinária relevância da descoberta da arte rupestre do Vale do Côa, não é menos verdade que em Portugal se verifica hoje um certo desamor, que terá múltiplas e complexas razões.

Ciclicamente reaparece o eterno cutelo da barragem, que nos coloca ao nível dos iconoclastas taliban, bazucadores de Bamiyan. Mais grave do que o delírio energético de alguns é a irresponsabilidade de outros, que têm vindo a colocar em causa este património único, através de um persistente sub-financiamento.

O culminar deste desamor revela-se no significativo facto do Vale do Côa não constar da recente lista dos 21 sítios dos quais se irão escolher as 7 Maravilhas Portugal. Esta lista exclui o único sítio arqueológico português classificado como Património da Humanidade e considerado pelo L'Express em 2000 como uma das novas sete Maravilhas do Mundo! (5) Tal como a escolha do Melhor Português, a listagem define melhor quem escolhe do que o que é escolhido.

Se, enquanto país, demonstrámos ao Mundo que éramos capaz de fazer parar uma barragem para preservar o maior complexo de arte paleolítica ao ar livre do Mundo, teremos agora forçosamente de ser dignos desse mesmo património.

#### Bibliografia

(1) Victor S. Gonçalves, “O Congresso Internacional de 1880”, in J. Medina (ed.), História de Portugal, Vol. 1, Portugal na Pré-história (I), Ediclube, Amadora, p. 214-231; (2) João Zilhão, “Súmula dos resultados científicos”, in J. Zilhão (ed.), Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: Trabalhos de 1995-1996. Ministério da Cultura, Lisboa, 1998, pp. 13-29; (3) Jean Clottes, “The ‘Three Cs’: fresh avenues towards European Palaeolithic art” in C. Chippindale e P. Taçon (eds.) The Archaeology of Rock-Art, Cambridge University Press, Cambridge, 1998, pp. 112-129; (4) Bernardo Pinto de Almeida in João Paulo Sotto Mayor, Foz-Côa, Edições Afrontamento; Parque Arqueológico do Vale do Côa, Porto, 2000, p. 25; (5) Vários, “Les sept nouvelles merveilles du Monde”, L'Express, 14/12/2000. As restantes seis maravilhas são a Ilha da Páscoa (Chile), o exército de terracota de Xi'an (China), a cidade de Mehrgarh (Paquistão), a cidade maia de Bonampak (México), as ruínas gregas e romanas de Zeugma (Turquia) e a arte rupestre de Tassili des Ajjer (Argélia).

